

REFLEXO DA CRISE

Estado perde 5.666 vagas em julho, e desemprego é o pior desde 1992

De janeiro a julho deste ano, foram fechados 20.342 postos de trabalho no Estado

LUÍSA TORRE
ltorre@redgazeta.com.br

O Espírito Santo registrou o pior resultado dos últimos 23 anos na criação de empregos formais para um mês de julho. No mês passado, segundo os dados do Ministério do Trabalho, 5.666 empregos foram eliminados, o que equivale a uma retração de 0,72% em relação ao mês anterior, ou seja, junho.

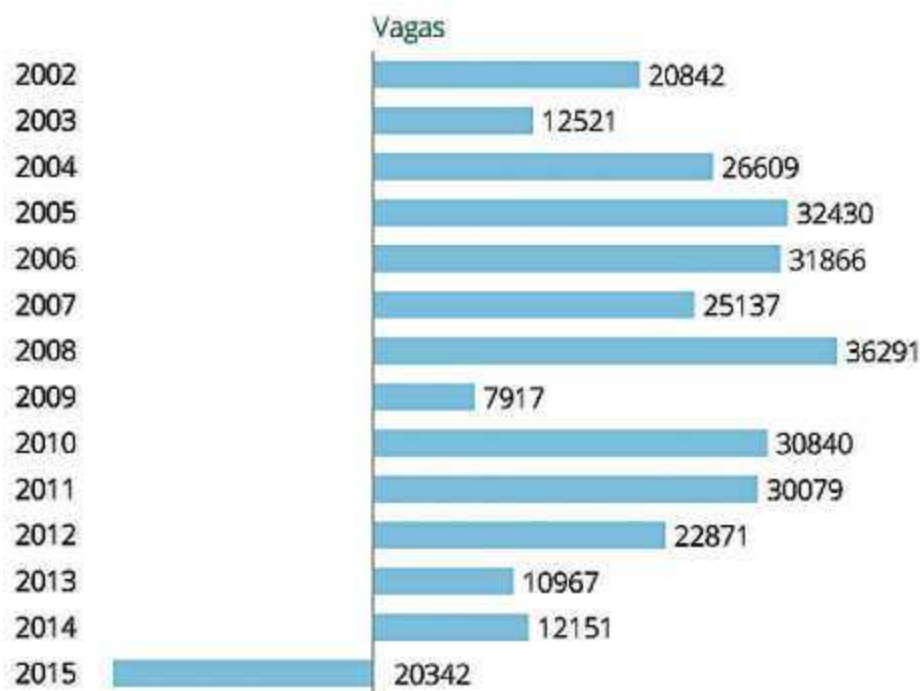
Foram 29.727 admitidos e 35.393 demitidos apenas no mês de julho. O número é o pior para o mês desde que a série histórica começou a ser tomada, em 1992. Apenas nos sete primeiros meses deste ano, o saldo foi negativo em 20.342 postos de trabalho, uma queda de 2,55% ante o mesmo período de 2014. Foram 238.283 admitidos e 258.625 demitidos.

Nos últimos 12 meses, o resultado continua ruim: a desaceleração foi de 2,81% no nível de emprego, ou 22.484 postos de trabalho a menos.

No Brasil, o resultado também foi ruim: o saldo de empregos ficou negativo em 157.905, uma variação de -0,39%. No ano, quase 500 mil postos de emprego já foram fechados.

Para a economista e professora da Fucape, Arilda Teixeira, um fator interno e outro externo explicam a situação do emprego no Espírito Santo.

EMPREGOS NO ESPÍRITO SANTO - DE JANEIRO A JULHO



“Um dos fatos é a pouca diversificação da atividade econômica no Estado e uma grande dependência que o Estado tem do comércio internacional e do dinamismo dos outros Estados do Brasil. Além de haver dependência da indústria petroquímica”, diz.

Com a atividade econômica concentrada em poucos núcleos, que não estão conseguindo puxar a economia, a desaceleração dos embarques e desembarques no comércio internacional e com a crise que abala a indústria petroquímica, as consequências são visíveis na economia do Estado, diz Arilda.

CRISE

22.484

vagas a menos

Ns últimos 12 meses, o saldo de empregos foi negativo em 2,81%.

157.905

postos fechados

No Brasil, apenas em julho, a diferença entre admissões e demissões deixou esse saldo negativo.

“Também sofremos com a desaceleração da economia de uma forma geral, relacionado a capacidade de produzir. Desde o segundo ano do governo Dilma, as incertezas e desconfianças em relação à instabilidade da economia e o ambiente saudável para negócios começaram a se deteriorar. Adiaram investimentos e não demitiram inicialmente pois há um custo grande para demitir no Brasil. Quando a inflação começou a acelerar, o efeito empobrecimento da inflação começou a corroer o consumo. Então, as empresas não investem e não produzem como começam a demitir”, detalha.

Agropecuária e comércio são os que demitem mais

Apesar de a crise atingir igualmente a todos os setores da economia capixaba, três deles apresentaram os piores quadros diante da crise. A diminuição do emprego foi maior nos setores da agropecuária (menos 1.646 postos, devido ao decréscimo de 948 postos nas atividades de cultivo de café), comércio (menos 1.609 postos) e construção civil (1.125 postos a menos).

Segundo o economista e professor da UVV, Mario Vasconcelos, a construção civil já há algum tempo vem apresentando um grau de desaquecimento. “Há obras paralisadas e lançamentos adiados. No comércio, é visível que o consumo foi bastante reduzido. E isso é geral, no comércio, em restauran-

tes e lojas de shoppings”.

A soma de inflação alta com retração do PIB, endividamento das famílias e incerteza com relação ao desenrolar político acaba por gerar cautela nas pessoas que ainda estão empregadas, que adiam compras, principalmente as mais caras, diz o economista.

“O desaquecimento é sério na economia e desaquecer é não gerar emprego. A incerteza e o medo em relação ao emprego fazem com que a pessoa fique retraída, reduza o consumo, adie compras. A empresa vai produzir se tem expectativa de que vai vender. Se a expectativa é negativa, ela deixa de contratar e de produzir e acaba tendo que demitir trabalhadores”, observa.

ARQUIVO



Atividades no cultivo de café perderam 948 vagas

CUSTÓDIO COIMBRA/O GLOBO



Desempregados aguardam em agência do trabalhador

Desemprego em alta pode ser duradouro

O início do segundo semestre é, tradicionalmente, o momento de recuo dos índices de desemprego, mesmo em anos difíceis. Foi assim em 2009, quando a taxa chegou a 8,9% em abril, mas encerrou o ano em 6,8%. Em 2003, o indicador atingiu 13% em junho e fechou dezembro em 10,9%.

Em 2015, contudo, o país vive um momento sem precedentes, dizem economistas. E, ao invés de cair, neste semestre o desemprego pode continuar subindo.

“A curva (do gráfico) está completamente fora do padrão. O comportamento neste ano já está diferente dos outros e, provavelmente, vai continuar diferente. Pelo que a gente está olhando, é possível que ainda tenha crescimento do desemprego nos próximos meses”, afirma João Saboia, professor do Instituto de Economia da UFRJ e especialista em mercado de trabalho.

José Márcio Camargo, economista da Opus Gestão de Recursos e professor

de Economia da PUC-Rio, acredita que, mesmo no período de preparação para o Natal — em que o desemprego é reduzido por causa das vagas temporárias —, a taxa deve aumentar e encerrar 2015 entre 8% e 8,5%. No fim de 2016, o especialista estima que a desocupação afete 12% da força de trabalho:

“Nós não vamos ter mais taxa de desemprego em torno de 4% no futuro próximo se quisermos manter a taxa de inflação baixa e equilí-

brio externo, que é o que faz a economia crescer próximo de 3%, 4%. Caso contrário, a economia vai desequilibrar. Estamos pagando pelo desequilíbrio do governo”.

O cenário pessimista também é traçado pelo economista Rodrigo Miyamoto, do Itaú Unibanco. Ele prevê que o desemprego suba a 8% no fim deste ano e atinja, em 2016, 9,3%. “De uma forma geral, essas altas consecutivas têm um impacto na confiança. Isso deve preocupar os brasileiros”, prevê.